

Editorial

No texto que abre o debate desse número da Revista Tempus, ***Graduação em Saúde Coletiva: conquistas e passos para além do sanitarismo***, Jairnilson Silva Paim e Isabela Cardoso Pinto, tendo aceitado o convite dos Editores, elaboraram um excelente artigo sobre formação e identidade profissional, mercado de trabalho e regulamentação da profissão, campo de estágio e constituição dos novos sujeitos, “*para além do sanitarismo*”. Buscam “*insinuar possibilidades que se abrem com o processo de implementação da graduação em SC*”, no atual contexto, em que “*os cursos se tornaram realidade e se encontram em pleno crescimento*”.

Convidados para o debate, Eduardo Mota e Liliana Santos elaboraram ***O que se pode alcançar com a Graduação em Saúde Coletiva no Brasil?*** Após qualificarem o artigo de Paim e Pinto como “*denso e rico em questões para pensarmos sobre o que se deseja e o que se pode alcançar com a formação de profissionais nos cursos de Graduação em Saúde Coletiva (GSC)*”, os autores destacam a expressão “*para além do sanitarismo*”, na medida em que “*parece opor as possibilidades de formação graduada e de atuação dos egressos da GSC à atual formação e as práticas dos profissionais sanitaristas que hoje atuam em serviços de saúde e na gestão do SUS*”.

Também convidado a debater o tema, Paulo Roberto de Santana, em colaboração com René Duarte Martins, Flávio Renato Barros da Guarda, Simara Lopes Cruz e

Sandra Cristina da Silva Santana escreveram o artigo original – ***Bacharelado em Saúde Coletiva: Preenchendo Lacunas e Formando Competências para o SUS***, onde são discutidos questões relativas à identidade profissional, mercado de trabalho, campo de estágio e regulamentação da profissão de sanitarista, a partir da experiência da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que recentemente (em 2013) inaugurou o seu curso de graduação em Saúde Coletiva.

Visando não negligenciar a participação do corpo discente, futuros egressos e os jovens bacharéis “*como atores centrais e protagonistas na criação da carreira e no avanço do processo de profissionalização*”, os integrantes da Coordenação Nacional dos Estudantes de Saúde Coletiva (CONESC) foram convidados a debater com Paim e Pinto, e o fizeram por meio de um artigo original – ***Quem são os novos Sanitaristas e qual seu papel?*** – sobre a relevância da formação do Sanitarista na graduação, acerca do qual “*mesmo os demais profissionais de saúde têm dúvidas sobre quais papéis o bacharel em Saúde Coletiva pode desempenhar*”.

Em ***A implementação do Curso de Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia: da criação até a formatura da primeira turma***, Marcelo Eduardo Pfeiffer Castellanos, Guilherme Sousa Ribeiro, Monique Azevedo Esperidião, Ana Cristina Souto, Karina Cordeiro de Jesus, Cíntia Clara Guimarães da Silva, Eduardo Luiz Andrade

Mota e Isabela Cardoso de Matos Pinto descrevem e, de fato, refletem sobre o processo de implementação da GSC no ISC/UFBA, pioneiro na defesa da criação desta modalidade formativa, na expectativa de “*que este relato seja útil como meio de troca de experiência*”.

Em ***Graduandos em saúde coletiva no Brasil: perspectivas, opiniões e críticas sobre os cursos***, João Roberto Cavalcante Sampaio e Renan Duarte dos Santos problematizam a GSC a partir do depoimento de cerca de cinquenta acadêmicos que participaram do Primeiro Encontro Nacional dos Estudantes de Saúde Coletiva (ENESC) no Rio de Janeiro em abril de 2011. “*Os resultados da pesquisa expressaram as angústias dos discentes sob a forma de dúvida quanto ao mercado de trabalho para o sanitarista graduado.*” Por outro lado: “*Os futuros Sanitaristas (...) têm para si que o curso é inovador e que produzirá profissionais com um novo olhar*”.

Com o objetivo de compreender possibilidades e limites para o desenvolvimento de “*espaços e metodologias que propiciem o exercício da observação, da reflexão e da crítica*”, Neide Emy Kurokawa Silva, Miriam Ventura e Jaqueline Ferreira, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), problematizam o “*sentido de prática ou de campo prático na formação em Saúde Coletiva*” no ensaio ***Graduação em Saúde Coletiva e o processo de construção de cenários práticos***. Além das dificuldades operacionais que são enumeradas, “*a escolha de campos práticos pode apresentar-se de modo dilemático: mostrar o SUS que temos ou o SUS que queremos?*”.

Em outro ensaio sobre as práticas de SC - E

o que faz/pode fazer um bacharel em Saúde Coletiva? A arte de pesquisar como prática de promoção de saúde – Rosamaria Carneiro, escrevendo a partir de sua experiência docente na área de Ciências Sociais no curso de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB), *campus* Ceilândia, parte da pretensão “transdisciplinar” dos CGSC para pensar o Sanitarista como “*profissional que pode realizar a metacrítica do campo da saúde*” e “*que (...) pode construir pontes (...) e contribuir para a tradução e outros olhares sobre corpo, saberes, práticas de cuidado e políticas públicas*”, sem que, necessariamente, isso implique em uma intervenção.

Visando descrever e analisar o campo de estágio curricular de duas GSC, representadas pelos cursos da Universidade de Brasília (UnB), *campus* Ceilândia, e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em ***A percepção do graduando em Saúde Coletiva sobre o Estágio Supervisionado***, Aline Patrícia dos Santos Bezerra, Alanny Ferreira Moutinho, Dábyla Fabriny Batista Alkmim e Indyara de Araújo Moraes realizaram análise documental dos Projetos Políticos Pedagógicos e descreveram características e desafios do estágio nestas instituições por intermédio de relatos de experiências e de percepções dos próprios autores.

A partir de experiência discente/docente na área de Ciências Sociais no curso de Saúde Coletiva da UnB, *campus* Darcy Ribeiro, Pedro Terra Teles de Sá e Muna Muhammad Odeh analisam o processo de aprendizagem de um estudante de graduação em Saúde Coletiva em disciplina cuja missão é promover educação interprofissional e integração ensino-serviço. Em ***Perfil da Saúde Coletiva na***

disciplina Introdução às Práticas de Saúde: Relato de Experiência, os autores ressaltam a importância e necessidade de inserção precoce do sanitarista no serviço de forma que ele conheça e seja conhecido pela equipe no desenvolvimento de suas práticas.

Além dos dez primeiros textos que analisam a criação dos Bacharelados em Saúde Coletiva e algumas das consequências de sua implementação, foram selecionados para compor este número especial da Revista Tempus outros cinco artigos que também tratam da educação profissional em saúde, embora não tenham foco na graduação em Saúde Coletiva nem na formação do sanitarista pós-graduado.

Ensino de Nutrição e estágio supervisionado como campo de desenvolvimento de tecnologias aplicadas à saúde coletiva: Sala de Situação em Saúde é um relato de experiência no qual Isabel Cristina Moura Brandão, Fábio Solon Tajra e Sara Melo Azevedo Alves Mesquita descrevem, a partir das observações de acadêmicas de nutrição no estágio em Saúde Coletiva, a implantação de Projeto que monitorou o estado nutricional e de saúde de crianças de 6 meses a 1 ano de idade em ambiente escolar, utilizando a Sala de Situação em Saúde como tecnologia.

Em ***A Universidade e a sua Responsabilidade Social: formação do enfermeiro para a integralidade da atenção à saúde***, Alexandra Angélica Marques e Denise Antunes de Azambuja Zocche apresentam os resultados de grupo focal realizado com seis acadêmicos de enfermagem líderes de turma, na perspectiva de estudar as práticas cuidadoras no contexto da integralidade e

da humanização do cuidado e a percepção das barreiras impostas pelas instituições à mudança das práticas em saúde.

O foco do artigo ***Formação de Competências Profissionais em alunos de um curso de Nutrição: Comparando percepções de docentes e discentes em Programa de Estágio***, de Abelar Fernandes Prazeres, Talita Ribeiro Luz, Talita Ribeiro Luz e Kely César Martins de Paiva, é o desenvolvimento de competências profissionais do curso de Nutrição de uma instituição de ensino superior, comparando as percepções de docentes e discentes com relação à conformidade do programa de estágio à Lei de Diretrizes e Base de 1996.

Em ***A Educação em Enfermagem com o Pró-Saúde: um estudo bibliométrico***, Maria da Conceição Coelho Brito e Maria Socorro de Araújo Dias apresentam os resultados de um estudo bibliométrico sobre a produção científica referente ao ensino de Enfermagem após a implantação do Programa Nacional de Reorientação da Formação em Saúde (Pró-Saúde). Realizado na base de dados LILACS com o cruzamento simultâneo dos descritores “Currículo”, “Educação” e “Enfermagem”, o estudo selecionou 26 artigos de 2005 a 2012.

Em ***Ética, Bioética e Educação***, Jansen Ribeiro Pires e Helena Eri Shimizu procuram demonstrar o impacto da publicação do livro “Bioética: uma ponte para o futuro”, de Van Rensselaer, nos estudos sobre a ética, concedendo a esta área do conhecimento uma importância nunca antes observada no que se refere à educação e cooperação internacional. Destacam que a disciplina bioética ainda é ministrada, principalmente, por profissionais

sem formação em filosofia, ética ou bioética.

Por fim, no 16º texto, *Sanitarista graduado: um elo que faltava na rede*, último desse número da Revista Tempus, Antônio José Costa Cardoso e Maria Fátima de Sousa tentam responder ao desafio de fazer “emergir” um (incerto) Discurso do Sujeito Coletivo a partir de diálogo articulador das idéias dos diversos autores que trataram da criação dos bacharelados, mercado de trabalho e carreira, identidade e regulamentação da profissão, campos de prática e estágio em Saúde Coletiva, tomando o texto-base de Jairnilson Silva Paim e Isabela Cardoso Pinto como ponto de partida.

Torcemos para que o empreendimento tenha sido exitoso. Boa leitura!

Maria Fátima de Sousa
Antônio José Costa Cardoso
Guilherme Sousa Ribeiro
Miriam Ventura
José Antônio Iturri
Carla Pintas
Editores